



A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM VITÓRIA/ES: ATUAÇÃO DE FATORES DISCURSIVOS E SINTÁTICOS

Cristiana Aparecida Reimann¹, Lilian Coutinho Yacovenco²

¹ Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, 29075-910, Brasil.

² Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, 29075-910, Brasil.

rc.cristiana@gmail.com; lilianyacovenco@yahoo.com.br

RESUMO

No português brasileiro (PB), há três estratégias de negação: 1) negação pré-verbal (Não+SV), padrão e mais utilizada; 2) negação pós-verbal (SV+Não), menos frequente e utilizada em situações mais específicas; 3) dupla negação (Não+SV+Não), fenômeno recorrente na língua falada. No presente artigo, buscamos analisar as construções negativas do português falado em Vitória/ES, levando em consideração aspectos linguísticos, discursivos e sociais, tendo por base a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]) [9], que entende a língua como uma entidade heterogênea e diversificada, suscetível a variações e mudanças ao longo do tempo.

0 INTRODUÇÃO

Todas as línguas possuem algum recurso para expressar a negação verbal. Mesmo sendo um fenômeno linguístico comum a todas as línguas do mundo, a negação se realiza de formas distintas e cada língua apresenta estratégias próprias para sua realização.

Na presente investigação, buscamos analisar as construções negativas do português falado em Vitória/ES, considerando as restrições discursivo-pragmáticas, sintáticas e sociais que regem o uso dessas estruturas negativas.

Tomamos por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) [9] para a análise das três estratégias de negação: 1) negação pré-verbal (Não+SV): *1 não deve ser normal isso*; 2) dupla negação (Não+SV+Não): *não suporto mentira não* e 3) negação pós-verbal (SV+Não): *casou! Esses dias agora. Foi quando? Em janeiro eu acho. Tem muito tempo não*.

O corpus para a presente análise é parte do Projeto *Português Falado na Cidade de Vitória* (PORTVIX), que tem por parâmetros sociais o gênero/sexo do falante, sua faixa etária e seu nível de escolaridade.

1 A NEGAÇÃO

As possibilidades de alternância entre as sentenças negativas é um fator que distingue o PB de outras línguas, nas quais as alternâncias de formas são mais raras e em muitas nem são encontradas. Conforme observa Schwenter (2005 p. 1429) [15], “a existência de três tipos de negação no PB é notável, uma vez que a grande maioria das línguas têm normalmente apenas uma, no máximo duas dessas estratégias”.

De acordo com Alkmim (2001) [1], a negativa dupla é encontrada em línguas como o Francês, o Catalão, o

Ladino e dialetos do norte da Itália, como o Piemontês. Porém, nem sempre a dupla negação é realizada com a mesma partícula antes e depois do verbo, como acontece no PB.

Segundo Schwegler (1992, *apud* RONCARATI, 1996 p. 99-100) [13], a dupla negação também é encontrada no Espanhol Dominicano. Todavia, essa estrutura é tida como um padrão de negação discriminado na República Dominicana, cujo uso é desencorajado por ser vista como uma expressão inculta.

A negação pós-verbal é uma construção bastante rara, sendo encontrada em línguas como o Provençal, Piemontês e Milanês (ALKMIM, 2001) [1]. Além disso, é também encontrada no Francês, pois, de acordo com Cavalcante (2007) [2], no Francês contemporâneo, é a partícula *pas*, em posição pós-verbal, que nega a sentença, sendo a partícula *ne* anteposta ao verbo um elemento opcional.

Já a negação pré-verbal é uma construção que pode ser encontrada em diversas línguas como o Espanhol, o Italiano, o Português Europeu, o Romeno, etc. (ALKMIN, 2001, p. 3) [1]. No Português Europeu, segundo Roncarati (1996) [13], não é encontrada a negação pós-verbal, e a dupla negação somente existe em contextos bem restritos. Schwenter (2005, p. 1429) [15] ratifica a constatação de Roncarati e afirma que “o sistema de negação no PB também diverge radicalmente de como a negação é expressa em Português Europeu, que se baseia quase exclusivamente em NEG1 (negação pré-verbal)”.

No PB o uso das estruturas de negação revela-se como um quadro de variação entre as três variantes, tendo em vista que não há diferenças no significado proposicional das três negativas (FURTADO DA CUNHA 1996 ou 2000; SCHWENTER, 2005) [5] [6] [15].

Assim, este estudo visa a contribuir para o entendimento da variação linguística relativa ao uso das estratégias de negação no português falado e situar a variedade capixaba no cenário do português brasileiro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Todos os exemplos foram extraídos do PortVix.

O presente estudo é baseado na Sociolinguística Variacionista, modelo teórico cujo objeto de estudo se concentra no uso do vernáculo, isto é, na língua falada em situações naturais de interação social, em que o mínimo de atenção é prestado ao monitoramento da fala (Labov, 2008, p. 244) [9]. Para a Sociolinguística Variacionista, a língua é uma instituição social, não podendo, portanto, ser estudada fora do contexto social em que é utilizada, uma vez que “(a língua) é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215) [9].

Assim, visando a compreender a realidade linguística dentro de uma comunidade de fala, a Sociolinguística concentra-se na relação entre língua e sociedade, ou seja, “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2007, p. 9) [11]. Cezário e Votre (2011, p. 141) [3] ratificam essa posição ao dizerem que “a Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Dessa forma, o estudo da língua falada é, pois, o campo de estudos da Sociolinguística, que busca entender e descrever a realidade linguística analisando a língua em situações reais de uso.

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960, liderada por William Labov. Apresenta, segundo Cezário e Votre (2011, p. 141-142) [3]:

uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis para coleta e codificação de dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar.

Os pressupostos teóricos utilizados pela abordagem variacionista permitem identificar regularidade e sistematicidade na comunicação cotidiana.

Sob o enfoque dessa teoria, entende-se que a língua falada se apresenta, portanto, como uma entidade heterogênea e diversificada, suscetível a variações e mudanças ao longo do tempo.

Nesses termos, a Teoria Variacionista busca sistematizar essa heterogeneidade, correlacionando as variações estruturais da língua aos contextos sociais. A variação envolve fatores internos e externos ao sistema linguístico, uma vez que tais fenômenos não acontecem isolada, nem abruptamente, sofrendo, também, influências sociais, sendo uma condição do próprio sistema linguístico. Para Labov (2008) [9], a aceitação ou rejeição de uma variante levará em consideração o valor atribuído pela comunidade de fala, o que determinará se tal variante será prestigiada ou estigmatizada.

No âmbito de uma comunidade de fala, uma variante emerge competindo com as formas vigentes, podendo se estabilizar como uma variação ou iniciar um processo de mudança linguística. Tarallo (1997, p. 63) [16] assinala que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação”. Nesse aspecto, a mudança é proveniente da variação, ou seja, a mudança se dá em processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação no qual as formas novas coexistem com as mais antigas até que uma delas triunfe alcançando a regularidade (LABOV, 2008, p. 20) [9]. Todavia, quando a variação é

estável esta não resulta em mudança e pode funcionar como indicador de diferenças sociais e/ou regionais.

Dessa forma, com base nos pressupostos da Teoria da Variação visamos compreender a variedade linguística da comunidade de fala de Vitória que é considerada por seus habitantes e por pessoas leigas de outras comunidades de fala como não-marcada. Entretanto, ao confrontarmos nossos resultados com os de outras pesquisas sobre a mesma temática, verificamos que a dupla negação atinge um percentual de 20,6% em Natal (FURTADO DA CUNHA, 2000) [6]; 18% em Fortaleza (RONCARATI, 1996) [13] e 5,8% em São Paulo (ROCHA, 2013) [12]. Assim, constatamos que a alta frequência de dupla negação, 21,2%, pode ser uma característica da fala capixaba, atuando como um marcador dessa variedade.

3 METODOLOGIA

Para a análise das estruturas de negação, o presente estudo toma por base o banco de dados do Projeto PortVix (Português Falado na Cidade de Vitória) de orientação variacionista, com entrevistas tipicamente labovianas (YACOVENCO et al., 2012) [18].

Para esta pesquisa utilizamos um *corpus* composto por 18 falantes, divididos por gênero/sexo (masculino e feminino), escolaridade (fundamental, médio e universitário) e faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 49 anos), conforme explicitado no quadro 1:

Quadro 1: Distribuição das células sociais:

Faixa Etária	15-25		26-49		>49	
	H	M	H	M	H	M
Ens. Fundamental	1	1	1	1	1	1
Ensino Médio	1	1	1	1	1	1
Ens. Universitário	1	1	1	1	1	1
Número total de entrevistados= 18						

Conforme já discutido, a variável dependente utilizada nesta pesquisa é a negação na fala de Vitória que se apresenta sob a forma de três variantes: negação pré-verbal (Não+SV), dupla negação (Não+SV+Não) e negação pós-verbal (SV+Não).

As variáveis independentes são compostas por fatores sociais, como o gênero/sexo, a faixa etária e a escolaridade dos entrevistados, e por fatores pragmáticos-discursivos, como o *status* informacional do discurso (informação nova, inferível e evocada), o tipo de sequência discursiva (diálogo, narração, relato, avaliativo, argumentação e descrição), ausência ou presença de reforço negativo (*nada, ninguém, nem, nenhum, nunca, nem nada*), e por fatores sintáticos, como o tipo de oração (absoluta, coordenada, principal e subordinada), presença ou ausência de marcador conversacional (*né?, entendeu?, sabe?*) e tipo de sujeito (explícito, implícito e inexistente).

Para tratamento quantitativo dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) [14], que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES 2007, p.105) [8].

4 RESULTADOS

Para obtenção dos resultados, os dados foram codificados de acordo com as variáveis estabelecidas e submetidos ao Programa Goldvarb X para tratamento estatístico.

A tabela 1 mostra a distribuição das estruturas de negação usadas na cidade de Vitória/ES, conforme análise dos dados codificados nas dezoito entrevistas do PortVix selecionadas para a realização da pesquisa. Como podemos observar, a dupla negação representa 21,1% em um total de 2266 dados analisados.

Tabela 1: distribuição das construções negativas na fala de Vitória (resultado geral).

Variante	N/Total	%
Pré-verbal	1754/2266	77,4
Dupla negação	478/2266	21,1
Pós-verbal	34/2266	1,5

4.1 Status Informacional do Discurso

Uma importante restrição para o uso da negação está no âmbito discursivo-pragmático. Conforme propõe Schwenter (2005) [15], para que ocorra a dupla negação, a informação negada deve ser velha/dada no discurso. De acordo com o autor, o uso dessa estrutura não seria possível em contextos nos quais a proposição negada seja informação nova. Nestes contextos apenas a negação pré-verbal seria possível.

A Tabela 2 a seguir apresenta a distribuição das variantes da negação de acordo com a variável *status* informacional.

Tabela 2: distribuição da negação de acordo com a variável *status* informacional do discurso

Status Informacional	Pré-verbal		Dupla negação		Pós-verbal	
	N	%	N	%	N	%
Evocado	496	73,8	141	21,0	16	2,4
Inferível	1243	76,3	337	20,7	18	1,1
Inf. Nova	15	100	-	-	-	-
Total	1754	75,7	478	20,6	34	1,5

A Tabela 2 ratifica a hipótese de Schwenter de que as três variantes de negação não ocorrem no mesmo contexto discursivo. Quando o *status* informacional da sentença é de informação nova, só há possibilidade de ocorrência da negação pré-verbal. As demais não são possíveis nesse contexto.

Tendo em vista que as sentenças com informação nova são todas pré-verbais, retiramos esses casos da análise para o levantamento estatístico das demais variáveis, uma vez que são casos categóricos, e não, variáveis. Desse modo, são considerados dois fatores para esta variável: evocados e inferíveis.

Na tabela 3 temos a distribuição da negação na fala de Vitória/ES sem os casos de informação nova.

Tabela 3: distribuição das construções negativas na fala de Vitória

Variante	N/Total	%
Pré-verbal	1739/2251	77,3
Dupla negação	478/2251	21,2
Pós-verbal	34/2251	1,5

Devido à baixa frequência da negativa pós-verbal, apenas 1,5%, optamos por desconsiderá-la no levantamento dos pesos relativos, que foram realizados

com duas variantes, a dupla negação *versus* a negação pré-verbal.

4.2 Tipo de Sequência Discursiva

O tipo de sequência discursiva é um fator de grande relevância para o uso das estruturas negativas.

Em nossos dados, a ocorrência da dupla negação é favorecida em situação de diálogo, com peso relativo de .80, conforme tabela 4.

Tabela 4: Efeito da variável sequência discursiva sobre a dupla negação

Sequência Discursiva	N	%	Peso relativo
Diálogo	164/330	49,7	.80
Avaliativo	129/615	21,0	.52
Relato	115/628	18,3	.48
Descrição	7/40	17,5	.46
Argumentação	41/384	10,7	.33
Narração	22/232	9,5	.29
Total	478/2229	21,4	Input 0.186

Nas entrevistas do PortVix, há muitas trocas de turno, caracterizando situações mais interativas entre o entrevistador e o entrevistado. As situações interativas com alternância entre os interlocutores, características das sequências discursivas dialogais (peso relativo – PR - .80), favorecem fortemente a dupla negação, conforme pode ser observado por meio dos resultados.

Já a narração (PR .29) e a argumentação (PR .33) são sequências discursivas geralmente mais longas, com poucas trocas de turno, desfavorecendo, portanto, a dupla negação.

4.3 Ausência ou presença de Marcadores Conversacionais

Marcadores Conversacionais são recursos que “servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc.” (MARCUSCHI, 1986, p. 61) [10]. De acordo com Urbano (1993, p. 85) [17], “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal”. Assim, esses elementos estabelecem elos coesivos visando a manter a interação falante/ouvinte auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2007, p. 2) [4].

Em nossos dados, analisamos a variável marcadores conversacionais do tipo interacional (checking): *né?*, *entendeu?*, *sabe?*, em posição final que, segundo Galembeck e Carvalho (1997, p.18) [7] “tem valor unicamente interacional [...]”.

Na correlação da presença desses recursos e o uso das variantes no *corpus* analisado, observamos que a ocorrência do *não* em posição pós-verbal é bastante restrita na presença de checking's, conforme disposto na tabela 5.

Tabela 5: Efeito da variável ausência/presença de marcadores conversacionais do tipo checking sobre a dupla negação

Marcadores Conversacionais	N	%	Peso relativo
Ausência	468/2090	22,4	.52
Presença	9/139	6,5	.19
Total	478/2229	21,4	Input 0.186

Conforme a tabela 5, a presença de checking's desfavorece consideravelmente a ocorrência de dupla negação, com peso relativo de .19 contra .52 quando não há marcadores conversacionais.

Os checking's aparecem categoricamente ao final da sentença, na posição que seria ocupada pelo segundo *não*, ex: *eu não tenho vontade de votar mais sabe?*², o que, ao que tudo indica, contribui para a diminuição do emprego de dupla negação e de negação pós-verbal.

4.4 Ausência ou presença de Reforço Negativo

Na língua portuguesa, além do advérbio *não*, existem outros elementos negativos, tais como *nada, ninguém, nem, nenhum, nunca, nem nada*, que servem como reforço em uma sentença negativa.

O reforço negativo operado por estas palavras em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença configura-se como uma espécie de dupla ou múltipla negação. Assim, o fato de haver na sentença um outro termo negativo juntamente com o advérbio *não* pode contribuir para inibir o uso de mais um *não* na oração.

Na tabela 6, temos os resultados referentes ao fator ausência ou presença de reforço negativo sobre a dupla negação.

Tabela 6: Efeito da variável ausência/presença de reforço negativo sobre a dupla negação

Reforço negativo	N	%	Peso relativo
Ausência	439/1923	22,8	.52
Presença	39/306	12,7	.35
Total	478/2229	21,4	Input 0.186

Conforme podemos observar, a presença de reforço negativo desfavorece consideravelmente o emprego da dupla negação, com peso relativo de .35, corroborando a nossa hipótese.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises permitiram constatar que a dupla negação é utilizada com certa frequência na fala do capixaba, atingindo um percentual de 21,2% dos 2251 dados analisados. Esse índice assemelha-se aos encontrados em Natal 20,6% e Fortaleza 18%. Diferencia-se, entretanto, dos resultados referentes a São Paulo 5,8%, o que nos leva a acreditar que a dupla negação pode ser vista como um fator de caracterização de variedades geográficas.

Entre as restrições mais importantes que atuam sobre o uso da dupla negação, destacam-se as discursivas. Entre elas, o status informacional da sentença, já que as informações novas só admitem a negação pré-verbal.

Observamos, assim que a dupla negação é um fenômeno muito marcado em termos discursivos. Verificamos, também, que o tipo de sequência discursiva é extremamente importante. Os diálogos são sequências que caracterizam a entrevista e favorecem a dupla negação.

Outro fator de natureza discursiva que exerce grande influência é a ausência de reforço negativo, uma vez que o uso das palavras negativas *nem, nenhum, nunca, ninguém, nada e nem nada*, em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença, configura-se como uma espécie de múltipla negação. Além disso, os marcadores conversacionais do tipo interacional (checking): *né?, entendeu?, sabe?*, que são discursivos, são importantes no uso da dupla negação. Entretanto, para esse fenômeno, sua atuação é de natureza sintática, uma vez que, por ocuparem a mesma posição do segundo *não* na oração, sua presença diminui a ocorrência de dupla negação.

Em nossos dados, as variáveis sociais não foram selecionadas como estatisticamente relevantes para o uso da dupla negação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ALKMIM, M. G. R. *As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*. 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.
- [2] CAVALCANTE, Rerisson. (2007). *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado.
- [3] CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- [4] FREITAG, R. M. K. *Marcadores discursivos não são vícios de linguagem*, 2007. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_22_43.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2013.
- [5] FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO (Org.) **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1996.
- [6] _____. *Variação e mudança no domínio funcional da negação*. GRAGOATÁ, Niterói, 2000, n. 9, p. 155-170, 2. sem.
- [7] GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. *Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP)*, (1997) Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/artic/view/4100/2746>. Acesso em 30 de outubro de 2013.
- [8] GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- [9] LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- [10] MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- [11] MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.
- [12] ROCHA, Rafael Stoppa. *A negação dupla no português paulistano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado.
- [13] RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, p. 97-112.
- [14] SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Elen. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- [15] SCHWENTER, Scott A. *The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese*, 2005. Disponível em: <http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/lingua.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2012.

² Exemplo do PortVix (Mulher, Ensino Universitário, 15 a 25 anos).

- [16] TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.
- [17] URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, 1993.
- [18] YACOVENCO, Lilian C. et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. *Revista Alfa*, 2012, N. 56 (3): 771-806.